

## Milhões de clicks consagram *blockbusters* de curta duração



Dos três curtas de sucesso eleitos pela coluna desta edição, dois deles receberam seus troféus mais valorizados na internet e o terceiro já era consagrado antes da popularização da rede, mas pega carona e ganha nova vida no topo da lista dos mais vistos online também. Com 11 anos de lançado, *Ilha das Flores* (1989), de Jorge Furtado, coleciona comentários quase diários desde que foi postado, em 2002, e vive no topo do ranking do Porta Curtas. As estatísticas do *YouTube* estão para o curta como a bilheteria do cinema está para o longa, ou como se pode mensurar o sucesso neste caso?



A internet é a janela privilegiada do curta, embora não seja tão prestigiada pelos realizadores. Pouco a pouco, abrem-se as persianas e novos modelos de distribuição para conteúdos de curta duração vão aparecendo atrás delas. Um vídeo alcança 30 mil acessos e pronto, já está apto a ser convidado pelos administradores do site a receber pelos clicks seguintes. Esta própria marca não deixa a bola parar de acumular neve, vira uma espécie de vírus do bem e o filme começa a ser visto em progressão geométrica.



Mesmo assim, ainda existe toda uma expectativa entre os curta-metragistas pelo lançamento nas salas de cinema. Décadas depois do naufrágio das estratégias para vincular por força de lei o curta ao longa nas salas comerciais, o circuito de festivais passou a corresponder ao mercado nobre destes filmes, enquanto se discutem alternativas. Com mais de 220 eventos no Brasil em crescimento exponencial, ele se consolidou e tem até entidade de classe, o Forum dos Festivais, que acaba de completar dez anos de existência. Cada festival chega a atrair a inscrição de 300, 400 filmes de curta duração a cada ano. O realizador investe tempo e dinheiro nas tentativas de ser selecionado em algum deles, começando a tarefa pelos de maior prestígio, mas sem desprezar os locais e os temáticos. Na mira, três principais alvos: visibilidade, premiações e credenciamento para melhores condições de negociação com canais de TV.



*Tapa na pantera*



*O paradoxo da espera do ônibus*

Quase três anos atrás Christian Caselli levou o curta *O paradoxo da espera do ônibus* (2007) ao Centro Técnico Audiovisual (CTAv) com uma lista de motivos que justificavam seu pedido de *transfer* 35mm. Entre os argumentos, 200 mil exibições na internet e o fato de que seria seu primeiro filme finalizado em bitola de cinema, o que poderia credenciá-lo a participar de mais festivais. Um mês depois ele mesmo desistiu da ideia, pois gastaria dinheiro para revelar os negativos e não estava convicto de que isso fizesse sentido para um filme que já estava online e no segundo ano de lançamento. O vídeo entrou tímido no circuito de eventos, mas está com mais de 430 mil exibições na Internet, ou seja, dobrou de público. *O paradoxo da espera do ônibus* é uma animação sem maiores pretensões sobre os dilemas urbanos de utilidade relativa, e que tomam nosso tempo, ocupam a cabeça.

Mas sucesso mesmo é atingir 235 mil clicks em uma semana e mais de 4 milhões de acessos em quatro anos de exibições contínuas, sem contar a audiência da coleção de paródias. *Tapa na pantera* (2006), de Esmir Filho, Mariana Bastos e Rafael Gomes, um *hit* consolidado estrelado por Maria Alice Vergueiro, contribuiu significativamente para popularizar o *YouTube* no Brasil, entre as primeiras experiências dos chamados “vídeos virais”. *O Tapa* caiu na internet só um ano e meio depois de pronto, e por uma postagem não autorizada. “O que aconteceu com o vídeo em termos de como foi divulgado e espalhado na internet é muito maior do que o próprio filme, que é desprezível,” diz Esmir. Com a experiência, ele conclui: “Esse é o mundo de hoje, aleatório. Não se pode prever nem planejar.”

Prever não, mas aproveitar sim. *Tapa na pantera* era uma brincadeira na qual Maria Alice Vergueiro defendia que o problema de fumar maconha estava no papelzinho, por isso ela preferia um cachimbo. Ela ri muito e prega os efeitos terapêuticos da risada – e da erva. Pronto, era isso. O sucesso inesperado do curta propagou o nome dos seus realizadores e abriu portas para eles. Três minutos que renderam melhor

que ações de bolsas de valores, se contarmos popularidade. Esmir lançou seu primeiro longa aos 27 anos em 2010, *Os famosos e os duendes da morte*, e foi diversas vezes citado na imprensa como “o diretor do *Tapa na pantera*”, sendo que fez vários outros curtas com muito mais estrutura.

Em todo caso, o sucesso de *Ilha das Flores* ainda é imbatível no mercado de curtas. O filme, que conta a trajetória de um tomate, é um retrato aparentemente frio da miséria humana por sua estrutura didática e pela locução em tom de normalidade lógica. *Ilha das Flores* dá um soco seco na boca do estômago quando coloca seres humanos em situação inferior ao dos porcos na cadeia alimentar da sociedade. Estreou em Gramado em 1989 e foi ovacionado por todos, ou quase. Na imprensa local foi tratado inicialmente como santo de casa, mas encontrou defesa veemente na crítica especializada e no público. O pouco caso foi abafado por uma coleção de Kikitos, seguida de um Urso de Prata em Berlim e diversos outros louros. Em 1995 o filme foi escolhido para integrar uma mostra dos cem curtas mais importantes para a história do cinema mundial de todos os tempos, intitulada Um Século de Curtas e exibida em Clermont-Ferrand, na França.

O curta-metragem quando surpreende o público e a crítica resulta em um excelente cartão de visitas para o autor e, às vezes, algum retorno financeiro – normalmente pequeno, mas oportuno. Denise Jancar, gerente de vendas para mídias tradicionais da Elo Company, uma distribuidora de conteúdo com foco também em curtas, comenta o sucesso da obra de Furtado: “Já vendemos o *Ilha das Flores* para vários países como França, Bélgica, Suíça, Coreia e, ainda hoje, há procura pelo filme”. Seja por vias mais tradicionais, ou no mundo virtual, não se pode negar que o curta criou para si um mercado e que ele está em desenvolvimento. No dia em que as receitas forem suficientes para quitar as contas do mês com alguma dignidade, talvez a profissão de curta-metragista esteja entre as reais possibilidades do ramo.